

HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS EM MULHERES LÉSBICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

*Maria de Fátima Aquino de Sousa
Prof^a Ma. Valéria Sena Carvalho*

RESUMO: Mulheres lésbicas historicamente foram submetidas a diversas formas de violência, explícitas e sutis, decorrentes de normas sociais que impõem a heterossexualidade como padrão. Essa marginalização, no contexto da heteronormatividade, gera exclusão, invisibilidade e discriminação, com impactos significativos na saúde mental. Na presente pesquisa, foi realizada uma revisão sistemática da literatura na base de dados Scopus, que inicialmente resultou em 4.501 publicações, das quais 7 atenderam aos critérios de inclusão. Foram considerados apenas artigos completos, publicados nas línguas portuguesa e inglesa, disponíveis gratuitamente e diretamente relacionados ao tema. Os resultados tornam evidente a necessidade de ampliar a produção acadêmica e a visibilidade sobre a realidade das mulheres lésbicas, reconhecendo suas pluralidades. É fundamental que os efeitos negativos gerados por preconceitos sociais e estruturas excludentes sejam analisados para o desenvolvimento de intervenções eficazes e promoção de um ambiente social mais inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Heterossexualidade Compulsória; Lésbicas; Heteronormatividade; Saúde mental.

COMPULSORY HETEROSEXUALITY AND ITS PSYCHOLOGICAL IMPACTS ON LESBIAN WOMEN: A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: Lesbian women have historically been subjected to various forms of violence, both explicit and subtle, resulting from social norms that impose heterosexuality as the standard. This marginalization, within the context of heteronormativity, generates exclusion, invisibility, and discrimination, with significant impacts on mental health. This research involved a systematic literature review in the Scopus database, which initially yielding 4,501 publications, of which 7 met the inclusion criteria. Only complete articles published in Portuguese and English, freely available, and directly related to the topic were considered. The results highlight the need to expand academic production and visibility regarding the reality of lesbian women, recognizing their pluralities. It is fundamental that the negative effects generated by social prejudices and exclusionary structures be analyzed for the development of effective interventions and the promotion of a more inclusive social environment.

KEYWORDS: Compulsory Heterosexuality; Lesbians; Heteronormativity; Mental Health.

S725h Sousa, Maria de Fatima Aquino de.

Heterossexualidade compulsória e seus impactos psicológicos em mulheres lésbicas : uma revisão de literatura / Maria de Fatima Aquino de Sousa. - Teresina-PI, 2025.

16 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI, Centro de Ciências da Saúde, Campus Poeta Torquato Neto, Curso de Bacharelado em Psicologia, 2025a.

Orientador : Prof.^a Me. Valéria Sena Carvalho.

1. Heterossexualidade Compulsória. 2. Lésbicas. 3. Heteronormatividade. 4. Saúde Mental. I. Carvalho, Valéria Sena . II. Título.

CDD 150

INTRODUÇÃO

Em uma perspectiva social, a norma heterossexual pode funcionar como um mecanismo que restringe a pluralidade das expressões da sexualidade humana, ao privilegiar determinados arranjos afetivos em detrimento de outros. Essa lógica normativa, ao operar como referência dominante, pode influenciar trajetórias individuais e favorecer processos de marginalização e invisibilização de identidades sexuais dissidentes.

Nesse sentido, é possível considerar a discriminação e o preconceito que a população LGBTQIA+ enfrenta como uma continuidade de práticas culturais que tratavam aqueles que se desviavam de uma norma estabelecida como alvos de exclusão (Pimenta; Conceição, 2021). Desse modo, ao possuírem os mesmos deveres em sociedade como cidadãos, esses indivíduos ainda sofrem com a dificuldade de acesso a direitos básicos e marginalização social.

A notável causa dessa exclusão social e disseminação do preconceito se dá pelo conceito da heteronormatividade, que estabelece a heterossexualidade como a norma na sociedade, considerando que sentir atração apenas por pessoas do sexo oposto é o padrão de sexualidade "aceitável" ou "normal", o que significa que a sociedade é estruturada com base nessa ideia (Santos; Conde; Gonçalves, 2024).

A comunidade LGBTQIA+ sendo o oposto do padrão heteronormativo vigente na sociedade de modo geral, são tidos como o desvio da normalidade e vistos como algo a ser consertado ou simplesmente apagado da vida social. Essa imposição como regra reforça estereótipos e práticas excludentes a estes indivíduos (Orsini; Oliveira, 2023).

Para Souza *et al.* (2020), os níveis de discriminação, a exclusão social e a falta de apoio psicológico por parte da sociedade por conta da homofobia, geram diversos impactos negativos na saúde mental desses indivíduos, influenciando diretamente em casos de ansiedade, depressão, e outros transtornos mentais.

É importante mencionar o fato crucial de ser do gênero feminino, como parte de uma população minoritária, atravessada historicamente por violências de gênero, perda de direitos, e vítimas do sistema patriarcal que oprime mulheres há séculos. Esta análise corrobora a tese de que a mulher é socialmente construída como o “Outro”, secundarizada em relação ao homem (Beauvoir, 2017). O conceito construído sob a ótica da filósofa Simone de Beauvoir, não apresenta-se como uma similaridade ao “Outro” no sentido psicanalítico lacaniano, mas como uma categoria relacional e histórica que expressa a posição de subordinação feminina em uma sociedade estruturada pelo olhar masculino.

No caso de mulheres autodenominadas como lésbicas, a vivência plena é impactada por múltiplos fatores psicossociais. Essas mulheres frequentemente enfrentam uma dupla

estigmatização: são vistas como “anormais” pela sociedade em razão de sua sexualidade e, adicionalmente, sofrem as repercussões de serem acometidas por sofrimento ou transtorno mental, com seus impactos psíquicos muitas vezes minimizados (Silva, 2019).

Nesse cenário, destaca-se o conceito de heterossexualidade compulsória, proposto por Adrienne Rich (2012), que se refere à imposição social da heterossexualidade como norma universal, especialmente sobre as mulheres. Essa imposição atua de forma sutil, produzindo efeitos significativos na formação da identidade, na autoestima e nas relações sociais de mulheres lésbicas, impactando negativamente a saúde mental e o bem-estar (Araújo Tomé, 2022).

Desse modo, é possível observar uma lacuna na produção científica que aborda de maneira aprofundada os efeitos subjetivos e emocionais da heterossexualidade compulsória em mulheres lésbicas, especialmente quando somados a outros fatores de opressão. A falta de compreensão sobre esses impactos contribui para a marginalização desse grupo e dificulta a elaboração de estratégias eficazes de cuidado e acolhimento psicológico.

Para tanto, o estudo se justifica pela necessidade de ampliar o olhar da psicologia para um grupo que enfrenta desafios, como a discriminação, o preconceito e a exclusão social. A discussão também abrange a forma como esses fatores, em especial, a imposição da heterossexualidade compulsória, podem repercutir no bem-estar psicológico dessas mulheres.

A partir disso, surge a seguinte problemática da pesquisa: De que maneira a heterossexualidade compulsória impacta a saúde mental de mulheres lésbicas, e como esses efeitos se relacionam com outras formas de opressão e exclusão social? O presente estudo visa ampliar a compreensão psicossocial das experiências lésbicas e abranger a discussão sobre práticas mais inclusivas e sensíveis à diversidade sexual.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar, através de estudos, os efeitos psicológicos da heterossexualidade compulsória na saúde mental de mulheres lésbicas. Tem como objetivos específicos, analisar os impactos da heteronormatividade na construção da subjetividade, e discutir como a imposição de padrões heteronormativos contribui para a invisibilização da orientação sexual e afeta seus vínculos interpessoais e redes de apoio social.

A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E A SUBJETIVIDADE LÉSBICA

Adrienne Rich (2012) cunhou o termo *heterossexualidade compulsória* para designar a heterossexualidade como uma instituição política e social responsável por reprimir o poder feminino e subordinar as mulheres a um modelo de dominação masculina. A autora argumenta que essa imposição opera não apenas no campo das práticas sexuais, mas também no plano simbólico e afetivo, estruturando modos de subjetivação que restringem a possibilidade de outras formas de

amar e de se relacionar. Esse processo constitui um tipo de violência psíquica e cultural, especialmente para mulheres homossexuais, cuja existência é sistematicamente invisibilizada ou deslegitimada.

No referido ensaio, o autor não apenas descreve as engrenagens que sustentam o poder masculino, mas também analisa os mecanismos culturais e discursivos que produzem o apagamento lésbico. Ao exaltar o amor romântico e o casamento heterossexual como destino natural e socialmente desejável, a cultura ocidental reforça a heterossexualidade como norma e única via legítima para a realização afetiva. Assim, produções simbólicas — como a literatura, o cinema e a arte — participam ativamente desse processo, reiterando uma narrativa de normalidade que marginaliza identidades dissidentes.

A obra dialoga diretamente com as reflexões de Judith Butler (2003) em *Problemas de Gênero*, no qual a autora propõe uma crítica radical à naturalização das categorias de sexo, gênero e desejo. Butler argumenta que o gênero não é uma essência ou um dado biológico, mas o resultado de práticas performativas que reiteram normas sociais e culturais. A heterossexualidade compulsória, nesse sentido, é parte de um regime de poder que estabelece o que pode ou não ser reconhecido como sujeito inteligível nas normas culturais já consolidadas na sociedade.

Com efeito, evidencia-se a teoria da Matriz de Inteligibilidade Cultural, conceito criado por Butler que refere-se aos padrões de gênero pelos quais os indivíduos são definidos, e a maneira coercitiva que restringe as diversas expressões do ser. Quando uma identidade escapa a essa norma, como no caso das mulheres lésbicas, ela é posicionada fora dos limites da inteligibilidade social, ou seja, passa a ser vista como algo inteligível ou abjeto. Esse processo não apenas exclui, mas também produz a exclusão como condição de possibilidade para a existência das normas hegemônicas.

Rich (2012) argumenta que a suposição de que as mulheres são heterossexuais por natureza constitui um obstáculo teórico e político para o feminismo, pois sustenta a invisibilidade histórica das experiências lésbicas e contribui para sua patologização. Essa lógica também reforça a ideia de que a existência lésbica seria excepcional ou desviante, em vez de reconhecê-la como uma possibilidade legítima e intrínseca da sexualidade humana.

De acordo com Cunha e Mansano (2022), a heterossexualidade se caracteriza como um dispositivo histórico que controla práticas e determina papéis de gênero, baseando-se em uma referência genital, onde há uma relação de correspondência precisa entre sexo e gênero. Essa afirmação pode ser útil para entender como os padrões heteronormativos moldam a sociedade, muitas vezes de maneiras que marginalizam ou oprimem aqueles que não se conformam com a norma dominante. Ainda segundo as autoras, o relacionamento lésbico enquanto ameaça à ordem

social vigente torna-se tão marginalizado que aos olhos da universalidade do padrão heterossexual chega a ser invisível.

Desse modo, Rich (2012) primordialmente em seu ensaio reforça e baseia-se na ideia de que as ações de mulheres se relacionando com outras mulheres em diferentes contextos sociais como trabalho, família e dinâmicas amorosas são facilmente esquecidas, invalidadas ou ignoradas em favor das interações com homens, visto que as mesmas são historicamente e culturalmente tidas como naturais.

A auto aceitação da identidade lésbica passa por diversos atravessamentos significativos que perpassam a subjetividade desse grupo, e impactam de formas diferentes a depender do contexto cultural, familiar e social. Gonçalves e Carvalho (2019), abordam a grande vulnerabilidade que a população lésbica está inserida, onde são passíveis a sofrerem diversos tipos de violências, incluindo a violência velada da invisibilidade onde suas identidades não são reconhecidas.

Isto posto, é fulcral inferir que a experiência lésbica não deve ser erroneamente vista como um oposto ao feminino ou uma tentativa fracassada de "ser homem". Em vez disso, é uma vivência única, não relacionada à experiência de uma mulher bissexual ou de um homem gay, pois cada grupo tem suas próprias necessidades e formas distintas de perceber e existir no seu contexto, mesmo que todos façam parte de um grupo minoritário em comum.

Moreira e Pão (2022), afirmam que a falta de visibilidade para a existência lésbica e seu apagamento gera um contexto propício para a disseminação social da lesbofobia, onde esse tipo específico de violência se faz presente na forma de agressões físicas, verbais e abusos psicológicos. Tais violências tem como principal objetivo anular a vida e a identidade dessas mulheres, que recusaram a norma heterossexual e patriarcal ao direcionarem seus afetos para outras mulheres.

A forma de resistência encontrada para lidar com essas opressões e constituir um lugar de existência plena da lesbianidade no meio social, dá-se justamente pela afirmação contínua da identidade e dos afetos, como afirma Costa *et al.* (2022), onde o próprio ato de se autodenominar como lésbica corrompe os padrões heteronormativos.

Ao abranger a visão do tema e evidenciar a vivência da população lésbica, é imprescindível inferir também sobre a pluralidade dessas mulheres, e o reconhecimento de que não é possível estabelecer apenas uma única forma de identidade lésbica, mas sim alguns marcadores identitários que alteram a ótica social direcionada as lésbicas, como é o caso de lésbicas negras que além das opressões impostas historicamente às mulheres, ainda existe o sofrimento causado pelo racismo. (Costa *et al.*, 2022)

Ao inferir a inexistência da vivência lésbica no que consiste a destinação dos afetos e a terminologia como ato político, o contexto social machista e patriarcal só convém enxergar as mulheres lésbicas a partir de uma visão fetichista e objetificada.

Araújo Tomé (2022) ressalta que as lésbicas enquanto são vistas como um objeto a servir como ferramenta do desejo masculino, não são vistas como uma ameaça, fazendo com que a lesbianidade continue sendo desqualificada e deslegitimada.

Com efeito, tal comportamento perpetua uma violência ocorrida há tempos, que causa nas mulheres lésbicas o sentimento de impotência e marginalização, o que dificulta significativamente a luta por visibilidade, reforçando a ideia de que a lesbianidade existe para cumprir o papel de satisfação ao homem, o que torna um círculo vicioso de sofrimento psíquico em mulheres lésbicas que buscam a auto aceitação.

O APAGAMENTO LÉSBICO E SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS

A marginalização da identidade lésbica e a exclusão de suas vivências ocorrem quando sua existência não é reconhecida, respeitada ou devidamente representada. A invisibilidade historicamente construída, que reduz a homossexualidade feminina a algo nulo e sem relevância, gera impactos significativos na saúde mental dessa população, submetendo-a a estigmas sociais e a diferentes formas de violência, sejam explícitas ou veladas.

Lôbo e Lopes (2024) ressaltam que as vivências de mulheres lésbicas em contextos de homofobia evidenciam como a ausência de representação e aceitação social pode resultar em sentimentos de isolamento, diminuição da autoestima, temor pela rejeição social, além de situações de discriminação ou violência.

A partir dessa ótica, é possível perceber a relação direta entre a falta de aceitação social e os sentimentos de isolamento, baixa autoestima e medo da rejeição, que demonstram como a opressão estrutural afeta a saúde mental e emocional dessas mulheres.

O preconceito internalizado pode levar algumas lésbicas a sentirem vergonha e culpa em relação à própria sexualidade, o que as faz ocultar seus desejos e a expressão de seus afetos para evitar conflitos e a falta de apoio social. Desse modo, a imposição da heteronormatividade dificulta o processo de descoberta da própria sexualidade e aceitação da identidade sexual. (Lôbo; Lopes, 2024).

Destarte, a falta de visibilidade pode fazer com que mulheres lésbicas sintam que suas experiências são incompreendidas ou desvalorizadas, levando ao isolamento, e a necessidade constante de justificar ou afirmar sua existência pode ser exaustiva e gerar sofrimento emocional, o que pode desencadear sintomas de estresse e ansiedade. A combinação de isolamento, discriminação e falta de suporte pode levar a quadros depressivos.

Aliado a isso, é necessário evidenciar que existem outros fatores de risco determinantes para o sofrimento psíquico das mulheres lésbicas. Os ataques opressivos que são característicos da

lesbofobia manifestam-se de diversas maneiras, incluindo comportamentos e falas que desvalorizam a homossexualidade feminina. Essa hostilidade também se evidencia nos frequentes episódios de assédio, nas observações e piadas sexuais invasivas e desrespeitosas, bem como nas persistentes investidas físicas e sexuais indesejadas (Oliveira, *et al.*, 2021).

Essas violências se tornam ainda mais complexas quando analisadas por uma perspectiva interseccional, uma vez que mulheres lésbicas negras, com alguma deficiência física, intelectual ou motora, além de baixa renda ou idosas enfrentam camadas adicionais de opressão, o que evidencia consequências psicossociais de adoecimento mental, isolamento e a internalização de preconceitos e dificuldade de autoaceitação.

Com efeito, o apagamento social gerado a partir da invalidação da existência lésbica pode potencializar os sentimentos de solidão, falta de compreensão por parte do círculo social ou das possíveis redes de apoio, e a busca por acolhimento e validação. Além disso, a falta de representatividade no meio social e a pouca abrangência de conteúdos midiáticos que evidenciem as mulheres lésbicas como protagonistas tornam a luta por visibilidade ainda mais complexa.

METODOLOGIA

Para a realização desta investigação, foi adotado um estudo qualitativo do tipo revisão sistemática da literatura. Conforme Galvão e Ricarte (2019), constitui um tipo de pesquisa rigorosa que segue protocolos específicos, permitindo uma análise criteriosa e reproduzível de um conjunto de estudos. O objetivo é garantir transparência metodológica, detalhando as bases de dados utilizadas, as estratégias de busca, os critérios de inclusão e exclusão, bem como os métodos de análise adotados. Além disso, a revisão sistemática reconhece as limitações tanto dos estudos incluídos quanto da própria revisão, configurando-se como uma investigação com objetivos, metodologia, resultados e conclusões próprias.

Campos, Caetano e Gomes (2023), reforçam que a revisão sistemática tem como objetivo analisar, de forma organizada e metódica, os estudos já existentes sobre determinado tema. Ou seja, ela não cria novos dados, mas examina investigações anteriores seguindo um protocolo rigoroso. Esse tipo de revisão busca responder a uma pergunta específica utilizando como base estudos primários — que são pesquisas originais previamente publicadas. Esses estudos podem estar presentes em diferentes formatos, como artigos científicos, trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, monografias), atas, documentos técnicos, postagens online, entre outros. A seleção desses materiais é feita com base em critérios claros e previamente definidos.

Desse modo, o trabalho se propôs a garantir que outros pesquisadores possam reproduzir o estudo, detalhando as estratégias de busca, o processo de seleção de artigos, os critérios de inclusão

e exclusão, e a análise de cada estudo. Além disso, reconheceu as limitações tanto das produções analisadas quanto da própria revisão, e se caracterizou em uma pesquisa completa com seus próprios objetivos, metodologia, resultados e conclusões.

Inicialmente, diferentes bases de dados foram consultadas, como SciELO, PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Contudo, considerando a especificidade da temática e a baixa disponibilidade de estudos empíricos completos nessas plataformas, optou-se pela centralização da busca na base Scopus, que apresentou maior quantidade de estudos relevantes, completos, gratuitos e compatíveis com os critérios de inclusão previamente estabelecidos. Assim, a Scopus constituiu a base mais adequada para responder à pergunta norteadora, oferecendo estudos recentes, avaliados por pares e metodologicamente consistentes.

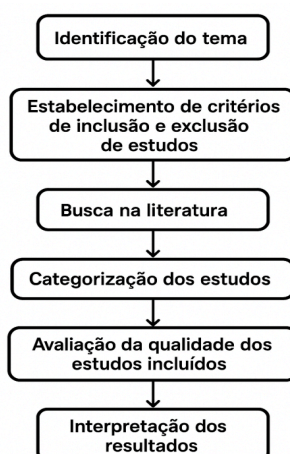
Para a realização da busca, foram utilizados descritores em português e inglês, combinados por meio de operadores booleanos. Em português, utilizaram-se os termos (“heterossexualidade compulsória” OR “heteronormatividade”) AND (“saúde mental” OR “sofrimento psíquico” OR “impactos psicológicos”). Em inglês, foram empregados (“compulsory heterosexuality” OR “heteronormativity”) AND (“mental health” OR “psychological suffering” OR “psychological impacts”). O uso dos operadores OR e AND permitiu ampliar e refinar a busca, garantindo combinações adequadas entre os descritores.

Foram incluídos estudos que atendessem aos seguintes critérios: artigos científicos completos, publicados entre 2019 e 2024, disponíveis integralmente e gratuitamente, escritos em português ou inglês e classificados como pesquisas primárias, contendo dados empíricos relacionados à heterossexualidade compulsória, à heteronormatividade e seus impactos sobre mulheres lésbicas. A opção por trabalhar exclusivamente com artigos científicos justifica-se pelo fato de serem produções avaliadas por pares, apresentarem maior rigor metodológico e por fornecerem evidências empíricas necessárias para uma revisão sistemática.

Como critérios de exclusão, foram considerados artigos incompletos ou indisponíveis na íntegra, materiais publicados em outros idiomas, revisões de literatura, ensaios teóricos e análises conceituais, por não serem pesquisas primárias, além de publicações que tratavam da heteronormatividade sem relação direta com mulheres lésbicas ou que não abordavam impactos psicológicos, e estudos que abordaram a temática de gênero ou diversidade sexual, mas não incluíam mulheres lésbicas como população central nem respondiam à pergunta norteadora formulada.

Para o desenvolvimento da revisão sistemática e da metodologia aplicada na pesquisa, foram adotadas as seguintes etapas para representar o processo de seleção dos artigos, de acordo com o fluxograma exposto a seguir:

Imagem 1: Fluxograma ilustrativo das fases de triagem e inclusão dos estudos



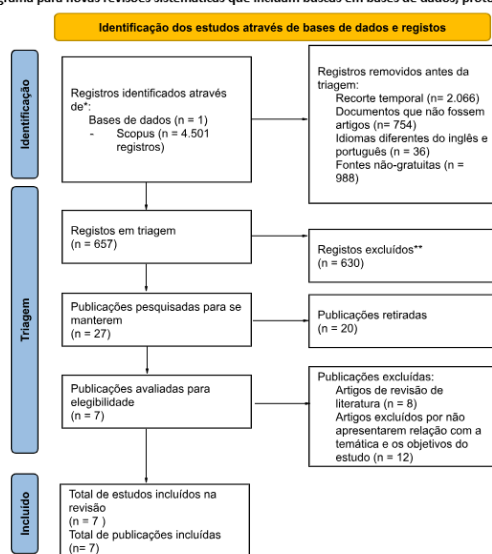
Fonte: Autoria própria, 2025.

Partindo dessa abordagem, a pesquisa irá se basear tendo como pergunta norteadora: De que maneira a homossexualidade compulsória impacta a saúde mental de mulheres lésbicas, e como esses efeitos se relacionam com outras formas de opressão e exclusão social?

O processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos foi conduzido conforme o modelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). A seguir, apresenta-se o fluxograma ilustrativo que demonstra as etapas percorridas durante a seleção dos artigos:

Figura 2: Fluxograma do processo de seleção dos estudos segundo o método PRISMA

PRISMA 2020 Fluxograma para novas revisões sistemáticas que incluam buscas em bases de dados, protocolos e outras fontes



Traduzido por: Verônica Abreu*, Sônia Gonçalves-Lopes*, José Luís Sousa* e Verônica Oliveira / *ESS Jean Piaget - Vila Nova de Gaia - Portugal / de: Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71

Fonte: Autoria própria, 2025.

Na etapa inicial, foram identificados 4.501 materiais na base de dados Scopus. Foram removidos 3.844 trabalhos antes da triagem, sendo 2.066 por não atenderem ao recorte temporal estabelecido, 754 por se tratarem de documentos que não fossem artigos de pesquisa primária, 36 por idiomas diferentes do inglês e português e 988 fontes não gratuitas, o que totalizou 657 registros em triagem.

Após a leitura dos títulos e resumos, 630 estudos foram excluídos por não apresentarem relação direta com o tema. Das 27 publicações que permaneceram, 20 foram retiradas por não cumprirem os critérios metodológicos ou por não responderem adequadamente à pergunta norteadora.

Posterior a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, e considerando a qualidade e relevância dos estudos, foram selecionadas sete produções científicas que se mostraram congruentes com o tema proposto e adequadas aos critérios estabelecidos para os resultados desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos estudos selecionados evidencia um panorama recorrente e preocupante: a invisibilidade das mulheres lésbicas na produção científica sobre saúde, bem como a presença de barreiras estruturais — como a lesbofobia, a heteronormatividade e diferentes formas de violência simbólica — que atravessam suas experiências subjetivas. Embora os artigos revisados abordem contextos distintos, convergem para o reconhecimento de uma lacuna persistente na literatura, marcada pela ausência de produções que considerem as especificidades da vivência lésbica e os impactos psicossociais decorrentes desse apagamento. Essa ausência não apenas compromete o avanço científico, como também reforça desigualdades sociais concretas, perpetuando estigmas que afetam diretamente a saúde mental dessas mulheres.

Os achados de Tagliamento *et al.* (2021), que analisaram vivências de jovens LGBTQIA+, revelam que a exposição continuada a preconceitos, desqualificação social e rupturas familiares intensifica quadros de ansiedade, depressão, estresse e ideação suicida. Os dados reforçam a necessidade de compreender a saúde mental como um fenômeno indissociável do contexto social e das violências cotidianas, reafirmando que o sofrimento não é individual, mas produto de estruturas que regulam corpos, afetos e identidades.

De maneira complementar, o estudo de Paveltchuk, Borsa e Damásio (2020) demonstra que a Homofobia Internalizada (HI) e a Experiência de Minorias desempenham papel central na construção de psicopatologias e na diminuição do bem-estar subjetivo de mulheres lésbicas e bissexuais. A ausência de impacto significativo do processo de saída do armário no bem-estar, somada à relação negativa com indicadores de psicopatologia, sugere que a aceitação social — e

não apenas a aceitação individual — é determinante na saúde mental dessa população. Em síntese, o contexto produz sofrimento antes mesmo da emergência de transtornos, revelando que o adoecimento é gradual e estrutural.

Os estudos de Correia *et al.* (2021), ao focarem adolescentes lésbicas, demonstram que ambientes escolares violentos e discriminatórios intensificam quadros de ansiedade, insegurança, depressão e risco de suicídio. Esses achados mostram que a escola, embora frequentemente compreendida como espaço de proteção e formação, torna-se também locus de violência institucional, especialmente quando não há políticas claras de acolhimento e enfrentamento à LGBTfobia.

Por outro lado, algumas pesquisas indicam que redes de apoio positivas, como apontado por Souza *et al.* (2019), podem mitigar significativamente esses impactos, funcionando como fatores protetivos. Entretanto, o acesso dessas mulheres a redes de suporte é frequentemente dificultado por medo, estigma ou experiências prévias de discriminação, o que reforça a necessidade de estratégias intersetoriais que promovam ambientes seguros.

A revisão realizada por Nogueira, Júnior e Mendes (2024) sobre a assistência prestada a mulheres lésbicas evidencia problemas históricos na relação dessa população com serviços de saúde. O medo da discriminação, a falta de preparo dos profissionais e a permanência de um olhar heteronormativo comprometem o cuidado e ampliam vulnerabilidades. A baixa procura por assistência, muitas vezes motivada por vivências de preconceito, agrava quadros de adoecimento já existentes.

Quando observadas interseccionalidades específicas, como lesbianidade e negritude (Mantovani & Vasconcelos, 2024), ou lesbianidade e TEA (Brito *et al.*, 2024), os efeitos das opressões tornam-se ainda mais evidentes. Mulheres que acumulam marcadores de minoria enfrentam múltiplas camadas de exclusão e silenciamento, que impactam profundamente seus processos identitários, seus vínculos afetivos e sua inserção social. A análise desses estudos demonstra que o sofrimento psíquico não decorre apenas da orientação sexual, mas da maneira como estruturas racistas, capacitistas, sexistas e heteronormativas operam simultaneamente, configurando cenários de grande vulnerabilidade.

Assim, as repercussões dessas opressões sobre a saúde mental de mulheres lésbicas não podem ser compreendidas como questões isoladas, mas como fenômenos socioculturais complexos que moldam subjetividades, restringem existências e produzem sofrimento. A literatura analisada revela que a marginalização científica reflete e reforça a marginalização social, resultando em baixa representatividade, insuficiência de dados e consequente invisibilidade.

Diante desse cenário, o papel da Psicologia torna-se central. Os achados desta revisão evidenciam que a heteronormatividade, a lesbofobia e as múltiplas violências que atravessam a

experiência lésbica funcionam como determinantes sociais de saúde, de modo que o sofrimento psíquico não pode ser entendido apenas em sua dimensão individual, mas como expressão direta de estruturas sociais excludentes. Assim, à Psicologia cabe reconhecer que o adoecimento dessas mulheres é profundamente marcado por processos de discriminação, silenciamento e apagamento, devendo, portanto, superar explicações intrapsíquicas isoladas e adotar uma perspectiva crítica, contextual e interseccional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito investigar os efeitos da heterossexualidade compulsória e das normas heteronormativas na saúde mental de mulheres lésbicas, com foco nos desdobramentos relacionados à identidade, à auto aceitação e aos impactos dos preconceitos sociais. A análise evidenciou que essas estruturas produzem experiências específicas de sofrimento psíquico, reforçadas pela marginalização histórica e pela invisibilidade dessa população nos espaços sociais e acadêmicos.

A revisão sistemática realizada revelou uma lacuna significativa na produção científica voltada exclusivamente às vivências de mulheres lésbicas. Embora existam estudos abrangendo a comunidade LGBTQIA+ de forma ampla, poucos abordam de maneira aprofundada como a heterossexualidade compulsória afeta singularmente esse grupo. Essa constatação reforça a necessidade de ampliar a investigação sobre o tema, de modo que as experiências lésbicas sejam abordadas com centralidade e não como desdobramentos secundários de pesquisas mais generalistas.

O objetivo geral de analisar os efeitos psicológicos da heterossexualidade compulsória foi cumprido, uma vez que os estudos selecionados demonstraram de forma consistente que a heteronormatividade e a lesbofobia estrutural impactam a subjetividade dessas mulheres. Tais estruturas contribuem para a incidência de ansiedade, isolamento social, homofobia internalizada e dificuldades no acesso a ambientes de cuidado e acolhimento. Os resultados obtidos oferecem subsídios para que profissionais de saúde mental desenvolvam práticas mais sensíveis às vivências de mulheres lésbicas, considerando os efeitos da heteronormatividade como determinantes sociais da saúde.

Em relação aos objetivos específicos, verificou-se que a heteronormatividade interfere diretamente na construção identitária e nos processos de autoaceitação, perpetuando apagamentos, estigmas e expectativas normativas que restringem a vivência plena da orientação afetivo-sexual. Além disso, constatou-se que a imposição de padrões heterossexuais contribui para a invisibilização

das lésbicas, dificultando o acesso a redes de apoio, à representatividade e a serviços de saúde livres de discriminação.

Os achados reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas à promoção de ambientes seguros e afirmativos para mulheres lésbicas, incluindo capacitação de equipes de saúde, protocolos antidiscriminatórios e ampliação de serviços especializados, e torna-se evidente a importância de ampliar os debates acadêmicos sobre a temática, incorporando perspectivas que reconheçam as múltiplas formas de violência que atravessam a experiência lésbica.

Discutir a heterossexualidade compulsória e seus efeitos é fundamental para compreender os desafios enfrentados por esse grupo e para promover iniciativas que favoreçam bem-estar psicológico, fortalecimento identitário e construção de ambientes sociais mais inclusivos. Reconhecer e analisar esses impactos não apenas contribui para o avanço da produção científica, como também possibilita que mulheres lésbicas se vejam representadas e legitimadas dentro do campo acadêmico. Ao fomentar reflexões sobre opressões estruturais e estimular a criação de redes de apoio e acolhimento, este estudo reforça a relevância de continuar expandindo pesquisas que privilegiam suas vivências e protagonismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO TOMÉ, Maria Cecília. *Autorrepresentações de mulheres lésbicas: facetas da lesbofobia e suas implicações nos processos de significação da lesbianidade*. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 6, n. 12, p. 157-176, 20 mar. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BRITO, Aynoan Raquel da Silva; LIMA, Carlos Eduardo; FARIAS, Giovana Ferreira; MENDES, Livia Santos. *A sexualidade da mulher lésbica com deficiência nas entrelinhas do transtorno do espectro autista e suas violências simbólicas: uma revisão sistemática*. Anais do V CINTEDI. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/108070>. Acesso em: 13 dez. 2024.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, Alessandra Freire Magalhães de; CAETANO, Luís Miguel Dias; GOMES, Victor Márcio Laus Reis. *Revisão Sistemática de Literatura em Educação: Características, Estrutura e Possibilidades às Pesquisas Qualitativas*. Linguagens, Educação e Sociedade, v. 27, n. 54, p. 139–169, 2023. DOI: 10.26694/rles.v27i54.2702. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2702>. Acesso em: 24 ago. 2025.

COLISSI, Júlia; PUREZA, Juliana da Rosa. *Apoio social e estresse de minorias em mulheres lésbicas e bissexuais*. Psi Unisc, v. 8, n. 2, p. 294–311, 2024. DOI: 10.17058/psiunisc.v8i2.18327. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/psi/article/view/18327>. Acesso em: 17 ago. 2025.

CORREIA, Letícia de Almeida Batista; SANTOS, Cândida Maria Rodrigues dos; FRAZÃO, Iracema da Silva; FRAZÃO, Cecília Maria Farias de Queiroz; CRISPIM, Marília de Oliveira; QUEIROZ, Gabriel Henrique de Oliveira; ARAÚJO, Marina Rodrigues Nóbrega de; BRITO, Rafael Almeida de Andrade Lima. *Violência contra adolescentes lésbicas no ambiente escolar e suas consequências: Revisão integrativa*. Research, Society and Development, v. 10, n. 12, p. e198101220256, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i12.20256. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/20256>. Acesso em: 20 ago. 2025.

COSTA, Cíntia Alves; GONÇALVES, Cristiane dos Santos; OLIVEIRA, Vanessa Fernandes de. *Somos muitas e somos diversas: visibilidade das experiências lésbicas plurais*. Revista Periódicos, v. 1, n. 17, p. 189–208, 2022. DOI: 10.9771/peri.v1i17.45686. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/45686>. Acesso em: 30 mai. 2024.

CUNHA, Larissa Carvalho; MANSANO, Silvia Regina Vieira. *Trilhando possibilidades afetivas de vivência lésbica frente às amarras da heterossexualidade compulsória*. In: IV Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos. Londrina: UEL, 2022. v. 1, p. 11-22.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. *Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação*. Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019. DOI: 10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 12 maio 2024.

GONÇALVES, Joyce Amorim; DE CARVALHO, Ana Rosa Rebelo Ferreira. *Lesbianidade e psicologia na contemporaneidade: uma revisão sistemática*. Gênero, v. 20, p. 135-156, 2019.

LÔBO, Fernanda Rosa; LOPES, Josiane Mota. *Desafiando a heteronormatividade: impactos e resistência nas relações homoafetivas femininas*. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar, v. 5, n. 1, p. e514778, 2024. DOI: 10.47820/recima21.v5i1.4778. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4778>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MANTOVANI, José Pascoal; VASCONCELOS, Nivia. *Mulheres, pretas e lésbicas: repensando a saúde mental*. Mudanças, v. 31, n. 1, p. 87-94, 2024. DOI: 10.15603/2176-0985/mu.v31n1p87-94. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/675>. Acesso em: 13 dez. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MOREIRA, Mariane de Castro; PÃO, Maria Simone de. *Lesbianidades e a formação acadêmica em psicologia no interior do Estado do Rio de Janeiro*. Ensino, Saúde e Ambiente, v. 15, n. 2, p. 333-347, 13 dez. 2022.

NOGUEIRA, Thalia Lima; SÁ JUNIOR, Edigar Mendes de; MENDES, Marcos Vinicius de Carvalho. *Assistência à saúde prestada às mulheres lésbicas: uma revisão integrativa*. Saúde e Desenvolvimento Humano, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/sdh.v12i1.10672>. Acesso em: 6 fev. 2025.

ORSINI, Adriana Goulart de Sena; OLIVEIRA, Henrique Macedo de. *Mulheridade lésbica e a dupla discriminação no trabalho*. Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região, Belo Horizonte, v. 69, n. 109, p. 115-132, 2023.

OLIVEIRA, Marilene de; SANTOS, Julia Bomfim Felipe dos; RAMOS, Marta Calil Nascimento; OLIVEIRA, Thelma Mary Araújo de. *Invisibilidade, percalços e nuances da homossexualidade feminina*. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar, v. 2, n. 8, p. e28647, 2021. DOI: 10.47820/recima21.v2i8.647. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/647>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. *Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais*. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 25, n. 3, p. 403-414, 2020. DOI: 10.1590/1413-82712020250301. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/dbgsg5YQYmpKV4zjPQ47jWy/?lang=pt#>. Acesso em: 20 ago. 2025.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades, v. 4, n. 5, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 22 out. 2023.

SANTOS, Tatiane Moreira Rodrigues dos; CONDE, Maria Valéria; GONÇALVES, Juliana Pereira. *Desconstruindo a heteronormatividade na literatura infantil: o impacto das narrativas nas relações humanas e na visão de mundo*. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e14693, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.693. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/693>. Acesso em: 19 maio 2024.

SERRÃO PIMENTA, Ana; WILSON RAMOS DA CONCEIÇÃO, Pedro. *The impacts of the institutional heteronormy of the mental health of the LGBTQIA+ population*. Revista Gênero e

Interdisciplinaridade, v. 2, n. 5, 2021. DOI: 10.51249/gei.v2i05.544. Disponível em: <https://www.periodicojs.com.br/index.php/gei/article/view/544>. Acesso em: 18 maio 2024.

SILVA, Sabrina. *Estigma, sexualidade e saúde mental: reflexões sobre a trajetória de mulheres lésbicas em sofrimento psíquico*. VII Seminário FESPSP - Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisVIII/GT_10/SabrinaSilva.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

SOUZA, Amanda Barbosa de; ALVES, Geovana Duarte; SILVEIRA, Livia de Almeida; OLIVEIRA, Lúcia Cristina; LAZZARETTI, Leticia Nunes; BATTISTI, Sabrina Coelho; CARLESSO, Juliana Patrícia Pires. *The impacts of social and family prejudice on the mental health of lesbians, gays, bisexuals and transsexuals*. Research, Society and Development, v. 9, n. 4, p. e34942760, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i4.2760. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2760>. Acesso em: 22 out. 2023.

TAGLIAMENTO, Grazielle; SILVA, Saymon Souza Correa da; SILVA, Denise Barcelos da; MARQUES, Giovanna de Souza; HASSON, Rebeca; SANTOS, Gabrielli Eduarda dos. *Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs*. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 6, n. 3, p. 77–112, 2021. DOI: 10.9771/cgd.v6i3.34558. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/34558>. Acesso em: 20 ago. 2025.